

LABORAR

TRABALHO E OFÍCIOS EM SÃO CARLOS

FPMSC
SÃO CARLOS
2025

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CARLOS – FPMSC
Praça Antonio Prado, s/nº – CEP: 13560-046 – São Carlos/SP | Brasil
<https://www.promemoria.saocarlos.sp.gov.br/>

Comissão Editorial FPMSC

Leila Maria Massarão

Luíza Shimada

Rodrigo Peronti Santiago

Vanessa Martins Dias

Pesquisa e texto

Vanessa Martins Dias

Montagem

Leila Maria Massarão

Vanessa Martins Dias

Diagramação

Renato Aldrighi

Impressão

Gráfica AS

Presidente Pudente-SP



LINHA DO TEMPO DAS LEIS TRABALHISTAS

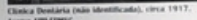
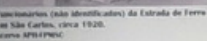
SÉCULO XIX PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX



LEI DO ALIBERTAMENTO DO NEGRO

1

MUSEU DE SÃO CARLOS



Nesta antiga e afreguezada padaria o respeitavel publico desta cidade encontra sempre á sua disposiçao:

Receitas com passas, rosas doces, bolachas finas, etc. e tudo o mais, concernente a este ramo de negocio.

Acceliam-se tambem encomendas para festas, casamentos e baptisados, garantindo-se todo o gosto, brevidade e preços modicos.

S. CARLOS

LAURENCE DE BRUNO DE S. PÉDRE

nome "PLATA BRUNO" e da banca
ITALIA 91. www.italia91.it

1990

E CARLOS



A collage of various text elements, including a small logo at the top, a paragraph of text, a large stylized number '2', a small diagram, and a large stylized number '7' at the bottom.

O Museu de São Carlos

O Museu de São Carlos foi criado em 1951, por meio da Lei n. 1.486, com o nome de “Museu e Patrimônio Histórico Municipal”. Inaugurado em 1957, em comemoração ao centenário da cidade, habitava o espaço do Antigo Fórum e Cadeia Municipal, e teve seu acervo formado a partir de doações feitas pela comunidade. A sua relação com a história do município é intrínseca, o que faz dele um museu de cidade. Nessa perspectiva, o museu é, também, um espaço de reflexões históricas e sobre a atualidade, além de um lugar de pertencimento e preservação do patrimônio.

A fim de preservar a história das cidades e de patronos, muitos museus do Estado, entre 1950 e 1970, foram criados por decretos estaduais constituindo os museus históricos e pedagógicos, submetidos à direção do Serviço de Museus Históricos, órgão pertencente à Secretaria de Estado da Educação. No caso de São Carlos, o museu passou a se chamar, a partir de 1958, “Museu Histórico e Pedagógico Cerqueira César”, por meio do Decreto Estadual n. 33.980. O intuito do museu era organizar um acervo que contasse a história do município, mas, com o tempo, esse objetivo foi se perdendo e a instituição passou a guardar acervos de diversas instituições da cidade, e nem sempre referentes à história local.

O acervo mudou de endereço várias vezes no período entre 1990 e 1991, ficando, inclusive, recolhido em um porão da Casa de Cultura Vicente de Camargo, onde, mal acondicionados, alguns objetos se perderam. Em 1992, a instituição passou a ocupar o térreo da antiga estação ferroviária, em uma área de aproximadamente 912 m², na plataforma da estação ferroviária. Desde 2001, o Museu de São Carlos passou por inúmeras reformulações, incluindo a tentativa de consolidação documental administrativa, treinamento do corpo técnico para higienização, acondicionamento, catalogação, documentação e exposições. Em 2012, por meio da Lei n. 16.284, a instituição passou a ser denominada “Museu de São Carlos”, coordenada e gerida pela Fundação Pró-Memória.

Missão

O Museu de São Carlos tem como missão preservar, pesquisar e difundir a história, valores culturais e identidades da cidade e seu povo; salvaguardar seu patrimônio material e imaterial, primando sempre pela veracidade de seus registros e usos; fazer-se local eclético, despojado de preconceitos, totalmente aberto ao público e ao diálogo com ele.



Torrador de café em ferro e madeira
(1.ª sec. XV).
Coleção - Museu de São Carlos

Torrador de Café. Acervo Museu de São Carlos

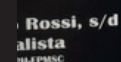
Laborar:

trabalho e ofícios em São Carlos

O ano de 1857 é considerado oficialmente como o ano de fundação de São Carlos, que, como muitas cidades do interior paulista, se desenvolveu com a cafeicultura, que não apenas trouxe a ferrovia, mas também os imigrantes europeus e a urbanização. No entanto, a cidade se difere de muitas outras no que diz respeito à sua trajetória pós-cafeicultura. Com o declínio do cultivo do café, o município investiu na industrialização e, posteriormente, nas universidades, o que deu origem à alcunha que recebeu de “capital da tecnologia”.

Tudo isso é fruto do trabalho intenso de diversos povos ao longo da história da cidade, que colaboraram com a sua formação e o seu desenvolvimento. Nesse sentido, a exposição “Laborar: trabalho e ofícios em São Carlos” tem como objetivo mostrar o trabalho em si e a transformação dos ofícios ao longo do tempo, incluindo grupos quase sempre “esquecidos” historicamente, como os negros escravizados e as mulheres.

Conheça a exposição “Laborar: trabalho e ofícios em São Carlos”!



O trabalho de negros escravizados

A cidade de São Carlos, como muitas cidades do interior paulista, se desenvolveu a partir da lavoura cafeeira. Por conta da produção, era exigida uma grande quantidade de mão de obra que executasse todo o processo de produção do café, desde a preparação do solo até o ensacamento do produto para exportação. Nesse sentido, o trabalho de negros escravizados foi muito utilizado na região. São Carlos foi uma das últimas cidades do estado de São Paulo a abolir a escravidão, e vários fatores explicam isso. A partir de meados do século XIX, momento de declínio do regime escravocrata por conta da extinção do tráfico negreiro e o posterior crescimento do café no mercado internacional, São Carlos começou a se consolidar como área de lavouras comerciais, provocando a chegada de escravizados de outras províncias, com preços exorbitantes, para trabalhar nas lavouras. Justamente por conta desse alto investimento em força de trabalho é que a extinção demorou a chegar aqui, uma vez que os fazendeiros esperavam indenizações por parte do governo para não serem prejudicados pela perda de seus “empregados”.





Viramundo. Acervo Museu de São Carlos.

O trabalho dos imigrantes europeus

O transporte ferroviário, que era o principal meio para o escoamento da produção de café para o porto de Santos, também trouxe imigrantes europeus que vieram para trabalhar, principalmente, nas lavouras. A viagem para o Brasil era financiada pelo governo brasileiro, que priorizou a vinda de famílias, uma vez que era mais garantido que um grupo familiar se fixasse à terra e não abandonasse o emprego. Com os imigrantes europeus, vieram, também, novas formas de trabalho, além das ideias sobre sindicalismo e anarquismo que motivaram greves no mundo todo por melhores condições de trabalho. Os primeiros imigrantes que chegaram em São Carlos foram trazidos pelo Conde do Pinhal em 1876, num total de cem famílias alemãs. Na virada para o século XX, grande parte dos imigrantes era italiana e a transição para o trabalho assalariado já havia se concretizado.



Moedor de Café. Acervo Museu de São Carlos.

Pilão. Acervo Museu de São Carlos.





O trabalho urbano

O processo de urbanização está ligado à produção cafeeira. Os avanços da urbanização permitiram a instalação das primeiras indústrias próximas à estação ferroviária, com ofícios relacionados às necessidades das fazendas de café, como a produção e manutenção de equipamentos de beneficiamento de café e a indústria de sacarias de juta e de embalagens para café. Fábricas ligadas à ferrovia surgiram nesse momento, como as serralherias para a produção dos dormentes dos trilhos, as fundições e as forjarias para os trilhos em si. Também apareceram novos ofícios, como maquinista e foguista, por exemplo. Além dessas indústrias, também surgiu o comércio de bens de consumo, como alfaiataria, relojoaria, armazém de secos e molhados e de ferragens, armarinhos e depósitos de materiais de construção.

Muitos dos imigrantes se declararam agricultores para que pudessem emigrar para o Brasil com a viagem paga pelo governo. Posteriormente, estes migravam para o meio urbano e se dedicavam às atividades que já praticavam em seu país de origem, ainda que em pequenas fábricas e de forma artesanal. Por conta dos conhecimentos que tinham, os imigrantes contribuíram para diversificar a indústria e os ofícios na cidade de São Carlos. Possivelmente, a indústria mais antiga seja a fábrica de veículos do imigrante italiano Michelle Giometti, fundada em 1897. Após a quebra da bolsa de Nova York e a consequente crise na década de 1930, as indústrias se diversificaram, uma vez que o café não era mais o principal produto do país.

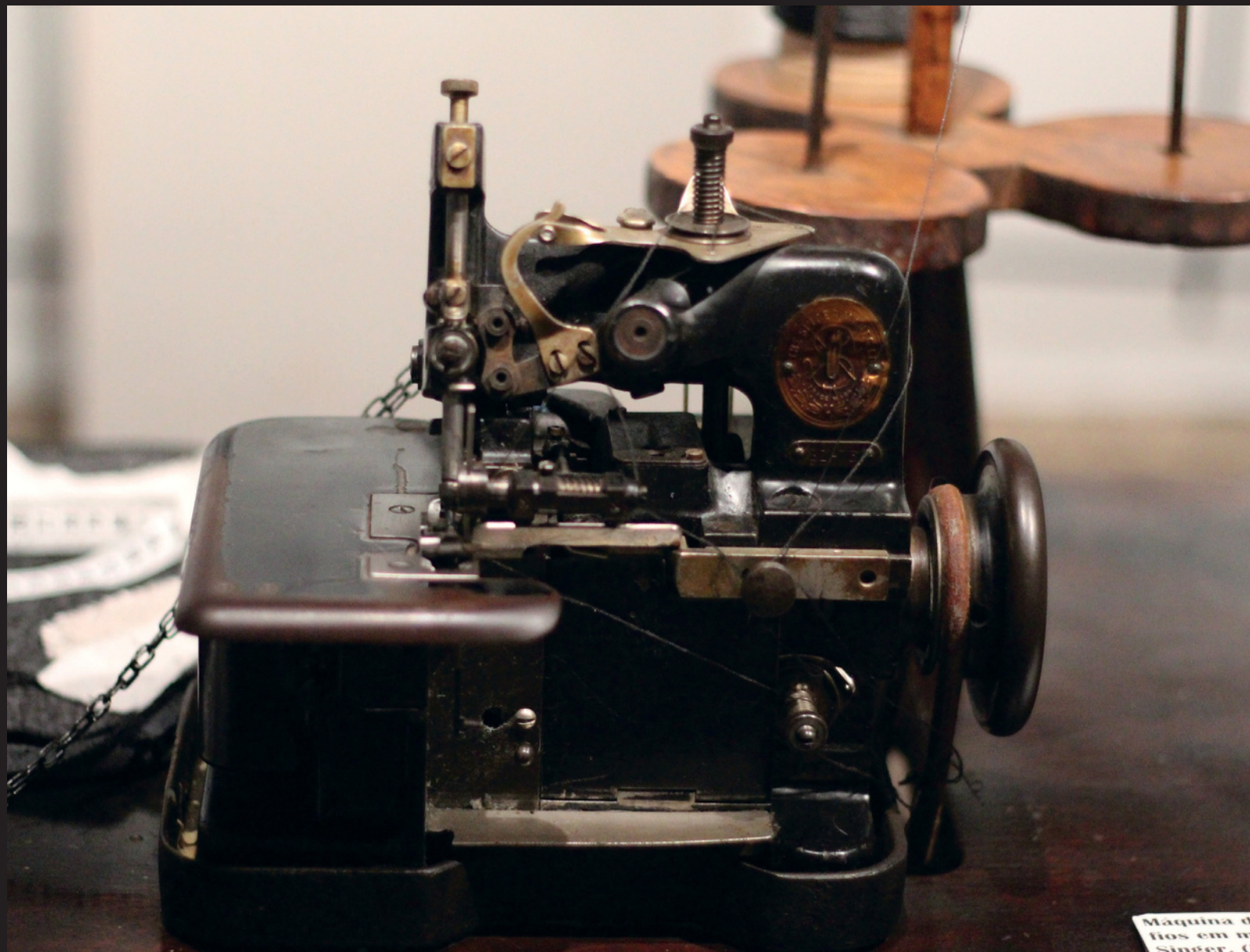


Cadeira de barbeiro de Chiquinho Rossi. Acervo Museu de São Carlos

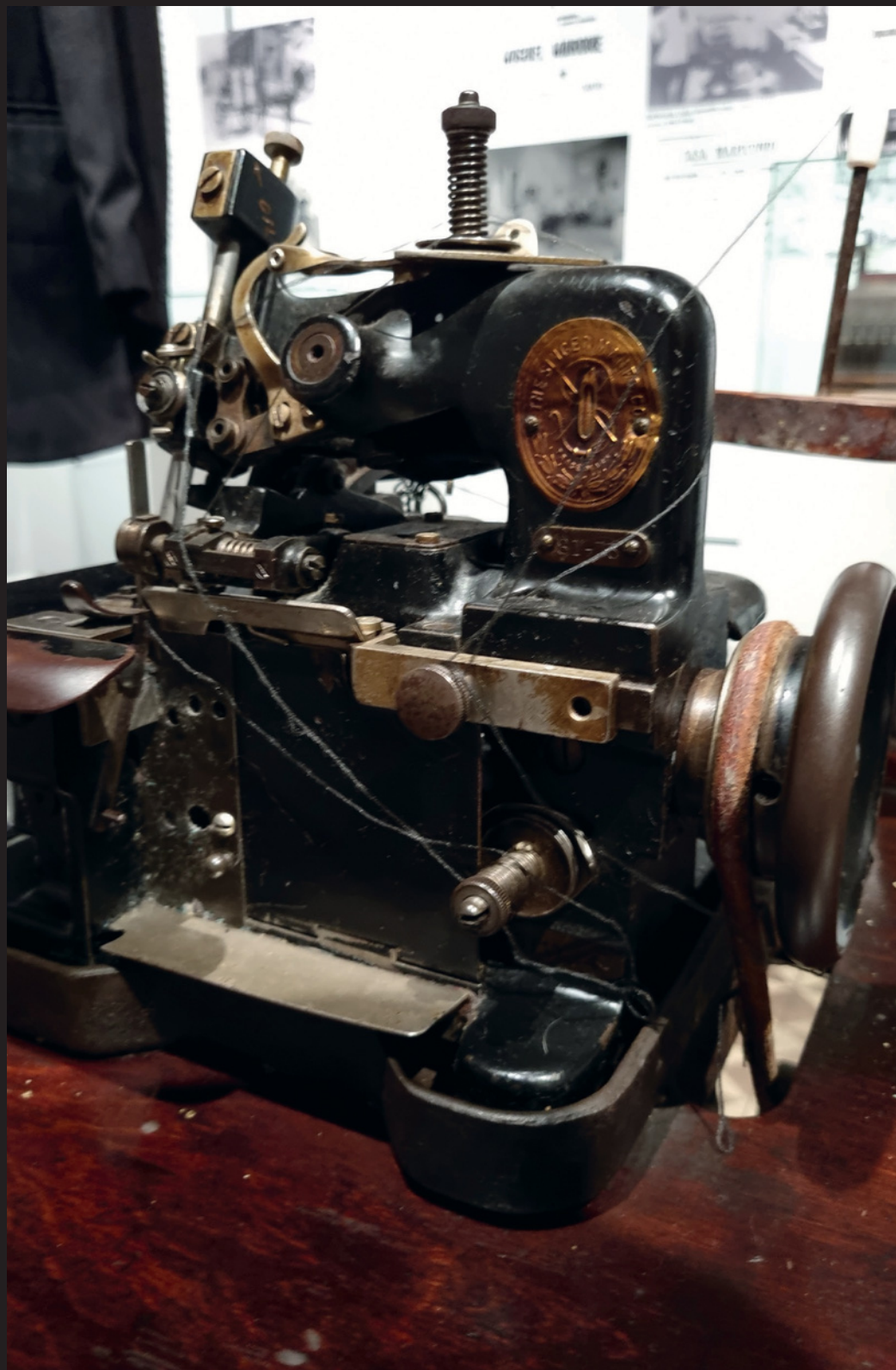




Estufa de barbearia. Acervo Museu de São Carlos.



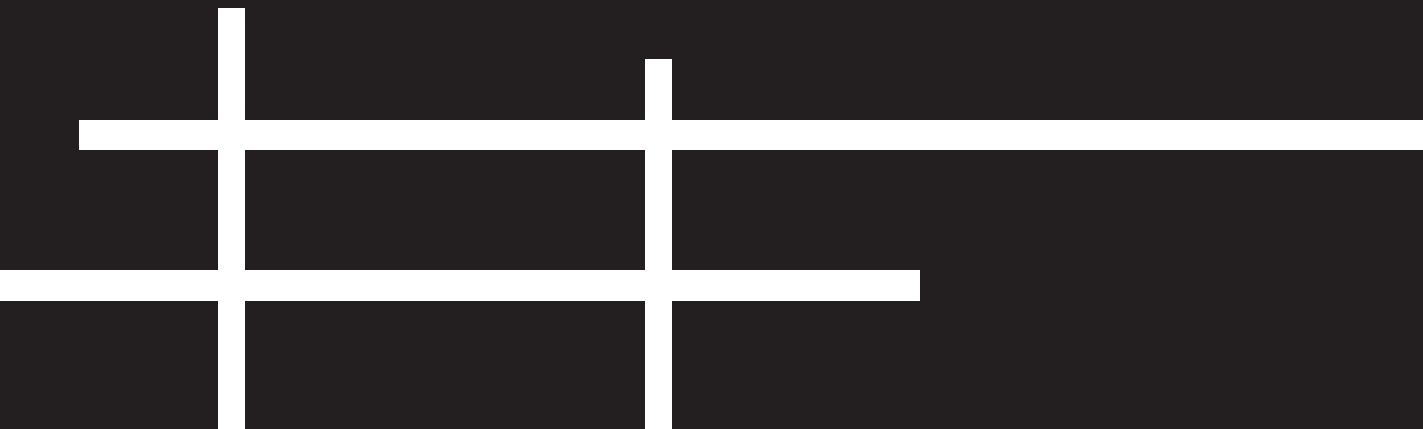
Máquina de costura Overlock 3 fios em metal e madeira, da marca Singer. Acervo Museu de São Carlos.



O trabalho das mulheres

A mulher sempre trabalhou em diversos meios. No entanto, sua presença na história é silenciada, sobressaindo a atuação dos homens. Isso acontece porque a construção da história e da identidade das mulheres foi feita, na maioria dos casos, por homens. Durante a escravidão, entre os séculos XVI e XIX, a mulher negra também foi escravizada, trabalhou nas lavouras, foi ama de leite, servindo às senhoras e cuidando de seus filhos. Com a vinda de milhares de imigrantes para o país, muitas mulheres que viviam em ambientes rurais trabalhavam na terra e dentro de casa, garantindo a sobrevivência da família e seu sustento. Já no ambiente urbano, com o surgimento das indústrias no Brasil na segunda metade do século XIX e início do século XX, principalmente com a instalação das indústrias têxteis e de gêneros alimentícios, mulheres e crianças constituíram grande parte do proletariado. Pobres, sem estudo e com necessidade de ganhar sustento para sobreviver, mulheres e crianças foram trabalhar nas fábricas exercendo suas funções em situações degradantes e com salários baixos.

A partir do século XX, as mulheres foram conquistando os espaços públicos e começaram a trabalhar como parteiras, enfermeiras, secretárias, professoras, telefonistas e costureiras – trabalhos que comumente estavam associados ao cuidado e ao atendimento. Entre as jovens que provinham das camadas médias e altas, muitas se tornaram professoras e enfermeiras, algumas se tornavam engenheiras, médicas, advogadas, pianistas e jornalistas; muitas estavam no campo, trabalhando nas plantações e colheitas, em fazendas e em outros tipos de propriedade rural. Nas cidades, elas trabalhavam também no interior das casas – como empregadas domésticas, lavadeiras, cozinheiras e governantas –, em escolas, escritórios, lojas, hospitais, asilos ou, ainda, circulavam pelas ruas como doceiras, vendedoras de cigarros e floristas. Apenas recentemente a mulher ampliou seus espaços de atuação, executando ofícios antes considerados apenas masculinos, e começou a ter visibilidade no mundo do trabalho.





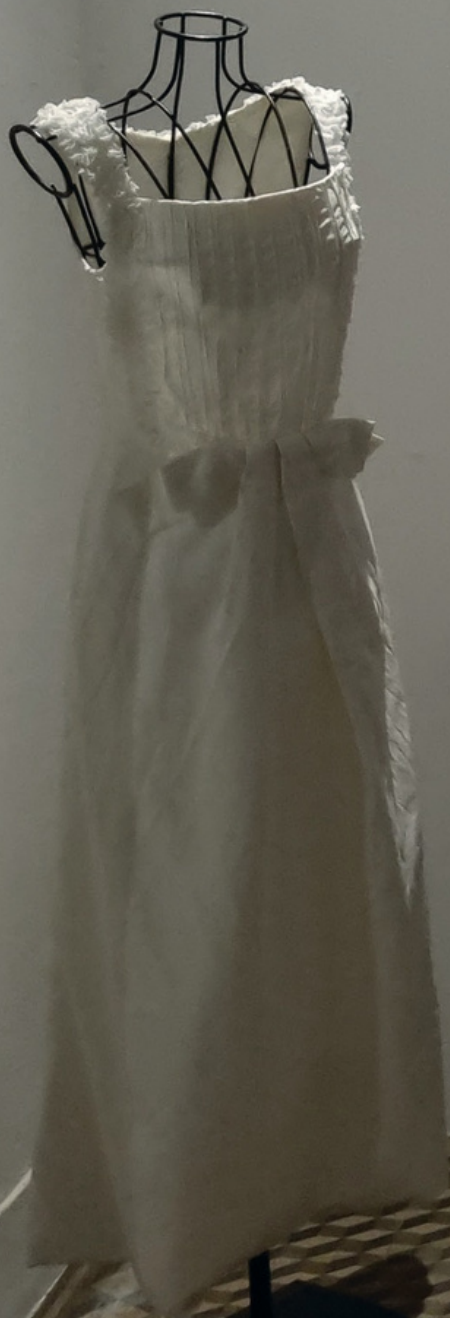
Mesa telefônica PABX de madeira e formica, da marca Tele-
quipo. Acervo Museu de São Carlos.



Seringa de vidro, estojo e agulhas em metal.
Acervo Museu de São Carlos.



Acervo Centro de Memória da Unicamp - CMU



vista como "bem-sucedida", precisou lutar por seus direitos de ter uma vida fora do ambiente privado e familiar.

Muito se sabe sobre a história do trabalho do homem, que esteve presente na escravidão, no meio rural, industrial e no comércio. E as mulheres? Onde estão elas nos livros de história e onde aparece sua relação com o trabalho ?

Durante a escravidão, entre os séculos XVI e XIX, a mulher negra também foi escrava. Trabalhou nas lavouras, foi ama de leite, servindo às senhoras e cuidando de seus filhos. Com a vinda de milhares de imigrantes para o país, muitas mulheres que viviam em ambientes rurais trabalhavam na terra e dentro de casa, garantindo a sobrevivência da família e seu sustento.

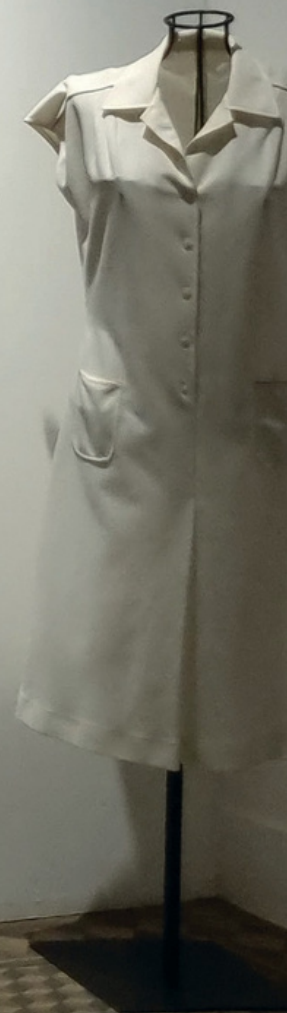
Já no ambiente urbano, com o surgimento das indústrias no Brasil na segunda metade do século XIX, principalmente com a instalação das indústrias têxteis e de gêneros alimentícios, mulheres e crianças constituíram grande parte do proletariado, e sua presença foi importante e lucrativa para os donos das indústrias. Pobres, sem estudo e com necessidade de ganhar sustento para sobreviver, mulheres e crianças foram trabalhar nas fábricas exercendo suas funções em situações degradantes e com salários baixos.

Com o passar dos anos e com a degradação da situação de trabalho dos operários, surgiram, no início do século XX, os movimentos sindicais dos trabalhadores, que pediam aumento do salário e melhoria das condições de trabalho. A partir desse momento, no Brasil, a mulher começou a se inserir nesse espaço, lutando contra sua dupla exploração – de gênero e de classe. No início, esse movimento era visto como desorganizado e submisso, no entanto, aos poucos foi ganhando força e estrutura. Com essas conquistas de espaço, a mulher foi permitida de ingressar em um curso superior no final do século XIX, no entanto, apenas em 1970 essa foi uma

as novas máquinas. A sociedade e a mulher, como aquela que cuidava da casa, da família e da nação. Dessa forma, ser mãe era visto como a principal missão da mulher num mundo em que se procurava estabelecer rígidas fronteiras entre a esfera pública, definida como essencialmente masculina, e a privada, vista como lugar natural da esposa, mãe e dona de casa.

No entanto, com o passar dos anos, com o fortalecimento do movimento feminista e com as mudanças de pensamento da sociedade, as mulheres foram conquistando os espaços públicos e começaram a trabalhar como parteiras, enfermeiras, secretárias, professoras, telefonistas e costureiras – trabalhos que normalmente estavam associados ao cuidado e ao atendimento. Entre as jovens que provinham das camadas médias e altas, muitas se tornavam professoras e enfermeiras, algumas se tornavam engenheiras, médicas, advogadas, pianistas e jornalistas; muitas estavam no campo, trabalhando nas plantações e colheitas, em fazendas e em outros tipos de propriedade rural. Nas cidades, elas trabalhavam também no interior das casas – como empregadas domésticas, lavadeiras, cozinheiras e governantas –, em escolas, escritórios, lojas, hospitais, asilos ou, ainda, circulavam pelas ruas como doceiras, vendedoras de cigarros e floristas.

Atualmente não é necessário que as mulheres exerçam apenas essas funções. Vemos a presença de personagens fortes que lutam até hoje por seus direitos para conquistar espaços e igualdade na cena pública, provando sua força e sua situação de igualdade intelectual em relação ao homem. Ainda há muita luta no que diz respeito à violência e aos espaços públicos. No entanto, a cada dia a mulher vem conquistando espaços importantes na sociedade, podendo desempenhar qualquer função, seja a de dona de casa, enfermeira, caminhoneira, médica ou engenheira.



O trabalho na indústria

Nossa história industrial se diferencia da de outras cidades que, em sua maioria, passaram pelo processo de industrialização após a crise do café, realizando, principalmente, atividades agroindustriais. São Carlos acabou por adotar um processo de industrialização menos rural, no qual se destacavam as indústrias de material elétrico, mecânica e metalúrgica. Isso ocorreu porque, com a crise cafeeira de 1929, o município não diversificou sua produção agrícola devido à rígida estrutura das propriedades e à baixa fertilidade dos solos em comparação às cidades vizinhas. Por esses motivos, em São Carlos, a população urbana ultrapassou a população rural já em 1940. A partir da década de 1950, com a necessidade que o Brasil tinha de criar polos para substituir a importação, a industrialização em São Carlos foi impulsionada por bens de consumo duráveis e bens de capital – indústrias que se diferenciavam das outras, uma vez que atuavam com tecnologias mais avançadas e maior capitalização e número de empregados. A industrialização trouxe transformações urbanas na cidade. Além disso, foi fundada a Escola de Engenharia de São Carlos – no campus da Universidade de São Paulo (USP) localizado em São Carlos –, que iniciou suas atividades em 1953, e a UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), fundada em 1968 – instituições universitárias de destaque no estado de São Paulo e no Brasil, que alavancaram o desenvolvimento tecnológico e educacional do município.

Na metade da década de 1960, a alimentação e a mecânica, junto ao vestuário, eram os setores que mais empregavam trabalhadores. Até 1967, a região era a mais desenvolvida e promissora do estado de São Paulo. Na década de 1990, com o processo de globalização da cidade, ocorreu uma reengenharia das grandes empresas, que precisavam se adequar às mudanças que vieram com a modernização e a competitividade.

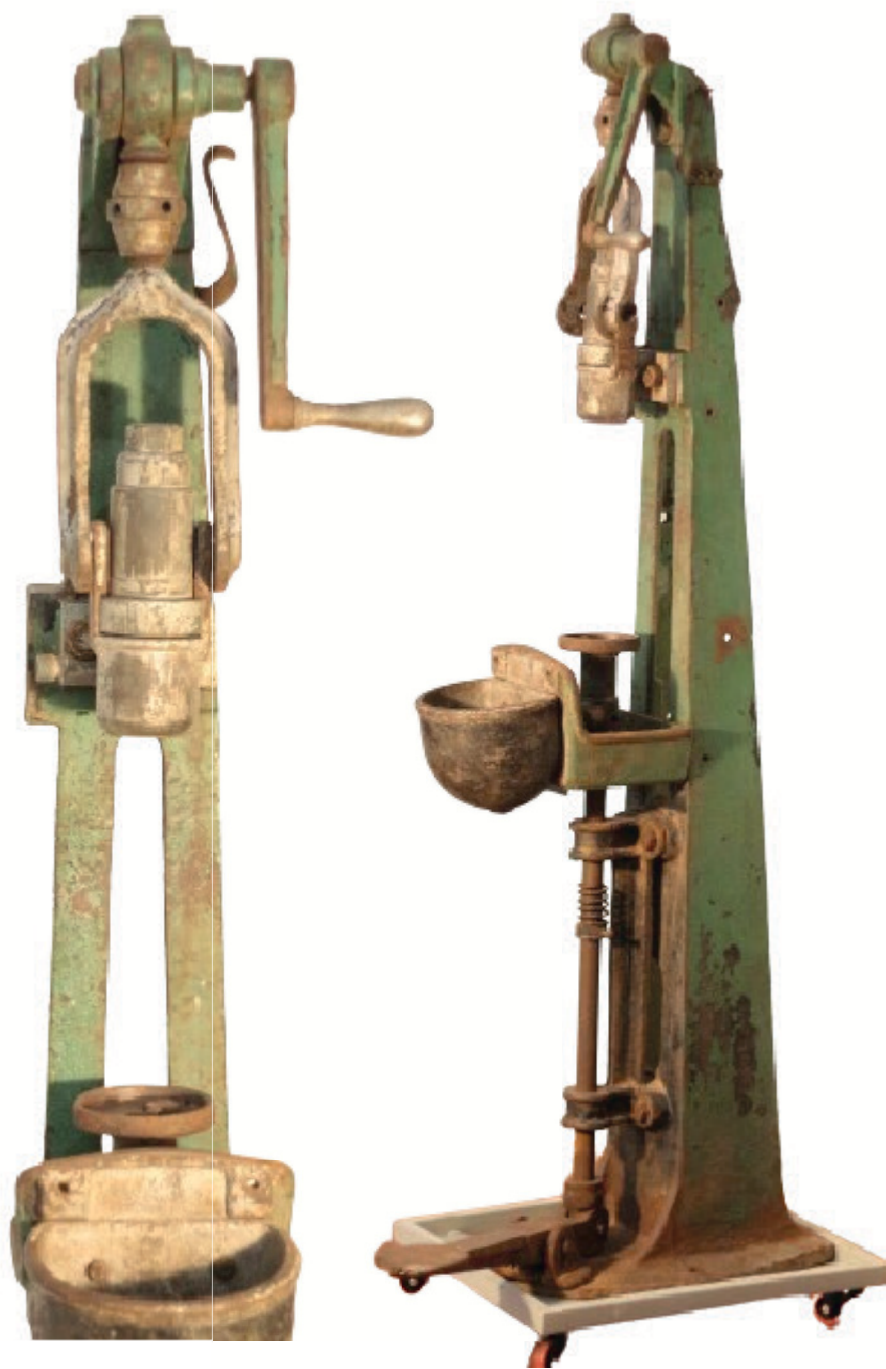
Já com a imagem de capital da tecnologia, com sua atividade industrial e sua ampla atividade de pesquisa em diferentes áreas, foi possível o crescimento de empresas de tecnologia em São Carlos. Assim, a cidade passou a atrair investidores e o poder público procurou investimentos transnacionais.



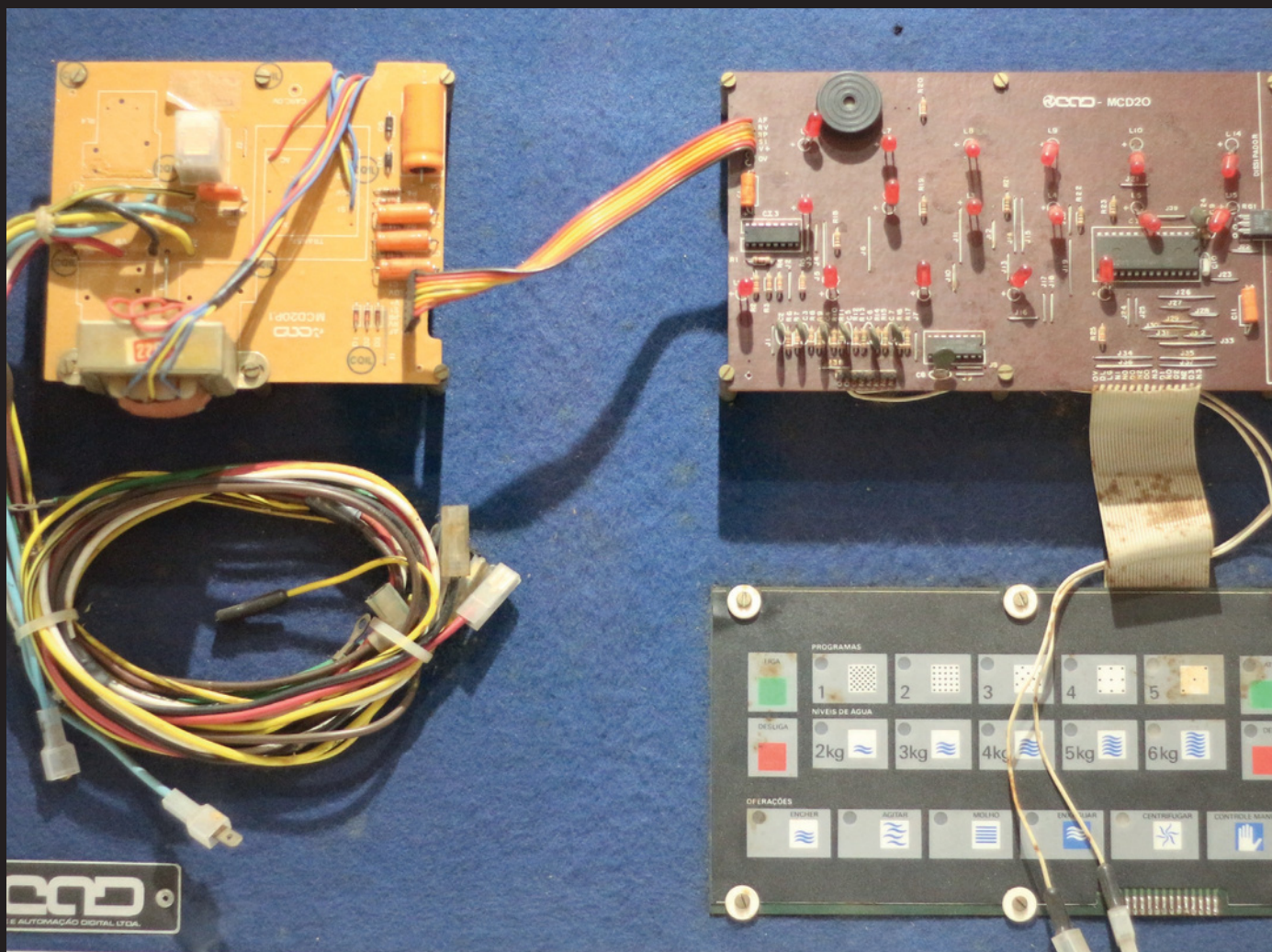
Retinógrafo digital ADS 1.4 em metal e plástico, equipamento para exames oftalmológicos, fabricado pela Opto Eletrônica S/A. Acervo Museu de São Carlos.



Maquete da Chaminé da Serraria Santa Rosa em madeira cedro rosa, peroba rosa e metal. Coleção Particular - Antonio Carlos Ferreira.



Tampadora, máquina manual de selar garrafas de vidro com tampa de metal, em ferro. Coleção Particular – Indústria de Refrigerantes Guaraná São Carlos.



Projeto de automação digital. Acervo Museu de São Carlos.



6 FERRAMENTAS

(Século - século XX)

Desde o início da história da humanidade, o homem tem utilizado ferramentas para realizar suas atividades. As ferramentas são instrumentos que permitem ao homem realizar trabalhos manuais, desde a construção de habitações até a produção de arte. As ferramentas evoluíram ao longo do tempo, passando de pedras e ossos para metais e plásticos. Hoje, as ferramentas são essenciais para a indústria e para a vida cotidiana.

8 PROJETO DE AUTOMAÇÃO DIGITAL

(Atualização, 2010)

Este projeto de automação digital tem como objetivo desenvolver um sistema de controle automático para um processo industrial. O sistema será baseado em um microcontrolador e utilizará técnicas de programação em linguagem C. O projeto será dividido em etapas, incluindo a análise do processo, a modelagem matemática, a programação do microcontrolador e a implementação do sistema.

7 INDUSTRIAS DE CORRENTES

(Século - século XX)

As indústrias de correntes são responsáveis pela produção de correntes metálicas, utilizadas em diversas aplicações industriais. Estas correntes são produzidas a partir de metais como o aço, o alumínio e o cobre. O processo de produção envolve a fundição, a laminação e a conformação das correntes em diferentes formatos e tamanhos.

9 GARRAS E DE LESTE

(Século - século XX)

As garras e de leste são equipamentos utilizados para a movimentação de cargas pesadas em portos e indústrias. Estas máquinas são compostas por uma estrutura metálica robusta e por um sistema de transmissão mecânica que permite a elevação e a movimentação das cargas.

10 EQUIPAMENTOS DE LESTE

(Século - século XX)

Os equipamentos de leste são utilizados para a movimentação de cargas pesadas em portos e indústrias. Estes equipamentos são compostos por uma estrutura metálica robusta e por um sistema de transmissão mecânica que permite a elevação e a movimentação das cargas.

INDUSTRIA E TECNOLOGIA

23 ↑

MUSEU DE
SÃO CARLOS

Os ofícios da arte

São Carlos tem, em sua história, diversas expressões culturais possibilitadas por profissionais que se dedicaram ao ofício da arte. As bandas de música marcaram as solenidades cívicas e comemorativas da cidade no final do século XIX e na primeira metade do século XX, como na recepção de visitas ilustres, desfiles nas ruas centrais, além dos famosos bailes. A Banda Restauração, fundada em 1937 e regida pelo maestro Ambrósio dos Santos, é um exemplo disso. Outro destaque é a famosa Banda Italiana Corporazione Musicale, regida pelo maestro Antônio Mugnai, que apresentava o Hino Nacional brasileiro e a Marcha Real italiana, numa tentativa de integração cultural dos imigrantes italianos, embora houvesse um evidente sentimento de pertencimento à sua nação de origem. Nesse sentido, havia, também, o grupo de teatro italiano Grupo Filodramático Eleona Duse, também do início do século XX. Uma importante comunidade que marcou a história da cidade foi o Grêmio Recreativo Flor de Maio, fundado em 1928 pelos negros impedidos de frequentar outros clubes da cidade. O famoso Flor de Maio se destacou pelos bailes de carnaval e pelo samba de Odette dos Santos.

O Conservatório Musical de São Carlos, espaço de formação de músicos e musicistas, foi fundado em 1947, como resultado da idealização de Cacilda Marcondes Costa e Odilla Belucci. O lugar foi, durante mais de quarenta anos, responsável pela educação musical de centenas de alunos, tendo Antônio Munhoz e Helena Gomes como professores de piano e Lulo Brandão como professor de canto orfeônico.

Além da música, a pintura e o desenho também movimentaram as artes e os ofícios na cidade. A Escola de Belas Artes, por sua vez, funcionou entre os anos de 1953 e 1958. Coordenada por Júlio Bruno, sua esposa Almira Ragonezzi – mais conhecida como Mima – e João Tonissi, a escola tinha ênfase no ensino de desenho, pintura e história da arte.

Quanto aos teatros e cinemas, São Carlos teve seu primeiro teatro, o Theatro Ypiranga, que, posteriormente, foi nomeado como Theatro São Carlos, inaugurado em 1892. Ao longo do tempo, esse espaço foi transformado em cinema. No início do século XX, o cinema foi consolidado na cidade, que, além do Cine São Carlos, possuía o Cine São José, que, na década de 1930, inaugurou uma pista de patinação como as que existiam na capital, e o local passou a ser chamado de Rink – Theatro São José. Havia um certo glamour em relação ao cinema, as pessoas iam de traje social e bandas de jazz se apresentavam antes ou depois das sessões. Na década de 1960, o Cine São José fechou, enquanto o Cine São Carlos e o Cine Avenida continuavam funcionando. Além deles, o Cine Joia foi inaugurado na vila Prado. Dez anos depois, apenas o Cine São Carlos permanecia aberto.







Trabalho, espaço e tempo!

A humanidade foi transformando, ao longo da História, suas formas de trabalho e de comportamento. No início do século XX, homens e mulheres foram gradualmente se deslocando do campo para a cidade, deixando de acompanhar o nascer e o pôr do sol para seguir o apito das fábricas e o horário do relógio de ponto na entrada e saída de seu trabalho. Isso ocasionou uma grande mudança na relação entre tempo e espaço no cotidiano, levando a transformações gerais na sociedade e nas pessoas.

Com os avanços da tecnologia, as formas de trabalho passaram pelo aprofundamento dessas mudanças na relação entre tempo e espaço, não apenas socialmente, mas também profissionalmente.

A virada do século XX para o século XXI foi marcada pelo uso dos computadores e celulares. Tudo se tornou mais rápido, ágil e, na última década, os espaços de trabalho deixaram de se limitar às salas de escritório e fábricas. O espaço é literalmente qualquer lugar e o tempo não é determinado pelo soar do apito ou do relógio de ponto.

Com o desenvolvimento das mais altas tecnologias, redes sociais, aplicativos e softwares de rastreamento e monitoramento digital, a humanidade caminha a passos largos para a era da “economia compartilhada”. A partir de determinado aplicativo de celular, um profissional é capaz de desempenhar sua função, oferecer seu serviço sem um local fixo de trabalho ou jornada de trabalho pré-determinada, ao mesmo tempo em que não tem chefe, carteira assinada e suas respectivas garantias de direitos trabalhistas. Essa é uma história ainda em movimento.



Relógio de ponto em metal e vidro, da marca Rod – Bell. Acervo Museu de São Carlos.

SÉCULO XIX

PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

ERA VARGAS



1888

1888 – As discussões sobre os direitos dos trabalhadores e as formas de solução de conflitos entre patrões e empregados no Brasil têm início com o fim da escravidão.

1903 E 1907

1903 - Decreto nº 979 concedia aos trabalhadores da agricultura e de empresas rurais o direito de organizarem-se em sindicatos.

1907 – Criada a lei que regula a sindicalização de todas as profissões.

1912

1912 – O Congresso Operário, realizado no Rio de Janeiro, apresenta as propostas para a criação de leis trabalhistas;

1917

1917 – A primeira tentativa de formação de um Código do Trabalho é de Maurício de Lacerda, em 1917. A primeira greve de operários ocorre em São Paulo, onde 70 mil trabalhadores da indústria têxtil cruzaram os braços exigindo melhores condições de trabalho.

1923

1923 – É criado o Conselho Nacional do Trabalho no âmbito do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

1930

1930 – Sobe ao poder Getúlio Vargas, em 26 de novembro de 1930, por meio do Decreto nº 19.433, é criado o Ministério do Trabalho;

PÓS ERA VARGAS E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL



SESSÃO INAUGURAL DO SUPREMO TRIBUNAL DA JUSTIÇA DO TRABALHO
Um dos membros do Conselho de Trabalho e da Previdência Social...
O novo presidente do Conselho de Trabalho...
O novo presidente do Conselho de Trabalho...



1931

1931 – Surgimento da lei de sindicalização. Por meio dela os sindicatos eram legalmente reconhecidos, contudo, a lei também criava restrições.

1932

1932 – São instituídas as primeiras Juntas com o objetivo de conciliar os frequentes conflitos entre patrões e trabalhadores. O Governo regulamenta o Trabalho Infantil e são criadas as Carteiras Profissionais.

1934

1934 – Uma nova Constituição entra em vigor trazendo avanços sociais importantes para os trabalhadores, como o Salário Mínimo, Jornada de Trabalho de oito horas, Repouso Semanal, Férias Anuais Remuneradas e a Indenização por dispensa sem justa causa.

1939

1939 – Os Conselhos Regionais e Nacionais do Trabalho são criados. A Justiça do Trabalho é instalada no Brasil por Getúlio Vargas, pelo Decreto 1.237, de 1939;

1940

1940 – A Lei do Salário Mínimo é criada pelo Decreto 2.162 e anunciada no dia 1º de maio;

1941

1941 – Presidente Getúlio Vargas assina a criação da Justiça do Trabalho, também no dia 1º de maio no Estádio de São Januário (Club de Regatas Vasco da Gama);

1942

1942 – Em janeiro, o presidente Getúlio Vargas e o ministro do trabalho, Alexandre Marcondes Filho, iniciam uma discussão a respeito da necessidade de fazer uma consolidação das leis do trabalho.

REGIME MILITAR

FIM DO REGIME MILITAR



CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO

A iniciativa partiu do Presidente Getúlio Vargas, que deu ordens ao Ministro da Justiça, Manoel Fello, quanto ao envio a parte do Trabalho, no sentido de proporcionar a consolidação das diversas legislações.



1943

1946

1967

1968

1979

1980

1943 – Criação da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) - Decreto 5.452/43; Criada e sancionada pelo presidente Getúlio Vargas durante o período do Estado Novo.

1946 – Transformação da Justiça do Trabalho em órgão do Poder Judiciário.

1967 – A Constituição Federal de 1967 traz outras mudanças, como a aplicação da legislação trabalhista aos empregados temporários, proibição da greve nos serviços públicos. Limita a idade mínima para o trabalho menor, para 12 anos, com proibição de trabalho noturno; inclui em seu texto o direito ao seguro-desemprego.

1968 – As primeiras grandes greves no período da ditadura no Brasil foram iniciadas em São Paulo e Minas Gerais. Nesse período, mais de 20 mil operários e metalúrgicos reivindicam reajustes salariais, porém, sofrem uma forte repressão e muitos sindicalistas são presos e levados ao DOPS.

1979 – Foram 27 paralisações de metalúrgicos, 20 greves de professores e outras tantas de bancários, médicos, construtores civis e outras categorias por todo o país. O governo reprime violentamente as greves.

1980 – Mais de 140 mil sindicalistas permanecem em greve por 41 dias e muitos são presos nessa ação, incluindo o atual presidente Lula, que permaneceu na sede do DOPS por 31 dias.

FINAL DO SÉCULO XX E INÍCIO DO SÉCULO XXI



1988

1988 – A nova constituição, considerada a mais democrática de todas, reforça, em seu artigo 114, § 2º, a legitimidade do poder normativo da Justiça do Trabalho.



1989

1989 – Os trabalhadores da central e confederação convocam uma greve. Com o prejuízo de 1,6 bilhão de reais causado pela paralisação, o presidente José Sarney cede e aceita negociar as perdas salariais com os trabalhadores.



1991

1991 – Conhecida como a última greve geral, a paralisação do dia 21 de junho se inicia para combater a política econômica do então presidente Fernando Henrique Cardoso. 12 milhões de trabalhadores fazem adesão à greve era constituído majoritariamente por setores organizados como os metalúrgicos do ABC.



2004

2004 – Emenda Constitucional 45, de 08/12/2004 dá início à Reforma do Judiciário, amplia a competência da Justiça do Trabalho.



2013

2013 – São estendidos aos trabalhadores domésticos direitos como FGTS, seguro-desemprego, adicional noturno, hora extra, salário-família e jornada semanal de 44 horas.



2017

2017 – Lei da terceirização, que dispõe sobre o fechamento de contratos entre empresas para prestação de serviços.

2018

2018 – No dia 28 de abril de 2018 foi convocada pelas principais centrais sindicais uma greve geral contra as reformas trabalhistas do governo Michel Temer. Em nota divulgada no início da noite, o presidente Michel Temer diz que manterá as reformas nas leis trabalhistas e na previdência social propostas por seu governo.



Foto: Viktor Avdeev @snow_mvn- disponível em Unsplash





Foto: Roberto Parizzoti - disponível em fotos públicas

MUSEU DE SÃO CARLOS

